

adeus,  
**PRO  
MES  
SAS**

KRISTIN HALBROOK

Tradução LAVÍNIA FÁVERO

TÍTULO ORIGINAL *Every Last Promise*  
© 2015 by Kristin Halbrook  
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

**Plataforma21** é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago  
EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo  
PREPARAÇÃO Raquel Nakasone  
REVISÃO Flávia Yacubian  
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt  
PROJETO GRÁFICO E CAPA Juliana Pellegrini  
CRÉDITOS DAS FOTOS DA CAPA © donatas1205/www.shutterstock.com  
e © osmanpek33/www.shutterstock.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Halbrook, Kristin

Adeus, promessas / Kristin Halbrook ; tradução Lavinia Fávero  
-- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2016.

Título original: *Every last promise*.

ISBN 978-85-7683-992-7

1. Ficção juvenil 2. Ficção norte-americana I. Título.

16-02945

CDD-813

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à

**VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

# HOME COMING

Esta é uma história de heróis.  
E eu não sou um deles.

# PRIMAVERA

Voltamos das férias de primavera na Flórida – Jen, Selena, Bean e eu – bronzeadas. A Selena, bastante, porque ela fica morena só de sair no sol, e a Bean, que tem cabelo cor de morango, só com um douradinho leve. Foi nossa primeira viagem juntas sem nossos pais. Fizemos por merecer, porque somos boas meninas, de boas famílias, com boas notas e bom comportamento.

Lá na Flórida, a Jen e a Selena paqueraram uns meninos sem nem se darem ao trabalho de perguntar o nome. A Bean e eu vigiamos os copos das nossas amigas, para garantir que ninguém colocasse nada. Bebemos tequila direto de uma garrafa que a Selena convenceu um universitário a comprar. A gente ficou atirada na areia da praia por horas e horas, até a ressaca passar. E aí voltamos pra casa para ficarmos atiradas nas margens de um rio antes de o inverno chegar.

Era sábado à noite. Chegamos de avião pela manhã e, depois de termos passado horas no carro até a nossa cidadezinha, escondida de tudo (como um trecho bonito no meio de um livro medíocre), estávamos com preguiça. Mas a gente não ia perder uma festa no rio.

Quase metade do colégio estava lá, além de um pessoal mais novo e pessoas que tinham se formado recentemente. O sol tinha aquecido nossa pele. Mas, depois que ele se pôs atrás das colinas distantes, o frio começou a subir da água. A Selenia estava tremendo.

– Que saudade do calor – ela disse, abraçando o próprio corpo.

– Você não devia ter vindo de tomara que caia, então – retrucou a Jen, levantando a garrafa de cerveja que tinha na mão e tomando um gole. Ela não estava tremendo tanto quanto eu.

– Tenho uma blusa no carro – falou a Bean, quando o vento começou a bater mais forte. Aí mordeu uma uva. Uma mecha de cabelo foi junto, e ela cuspiu para tirar os fios vermelhos do meio dos dentes. – Blergh! Aliás, é aquela blusa cinza que eu trouxe de Paris.

A gente sabia que a Bean ofereceria a blusa, e que a Selenia recusaria. Selenia gostava de mostrar o corpo.

– É, sim... – disse a Jen. – Eu voltaria pra Panama Beach nesse exato momento.

Uma brisa vinda do rio fez seu cabelo voar na altura dos ombros. Eu me encolhi toda. A festa tinha lotado e se espalhado pela margemzinha onde estávamos. Música saía de vários carros atrás da gente, competindo por dançarinos. Havia isopores com cerveja e garrafinhas de Smirnoff Ice, e Steve McInnis tinha posto um barril de chope na traseira do seu carro velho e detonado. Nicole Wasserman e mais algumas líderes de torcida acenaram para nós, passando na ponta dos pés a caminho do

seu pedaço de areia, com as sandálias numa mão e bebidas na outra. Uns caras caíram na gargalhada e começaram a bater as palmas das mãos sei lá por quê. Me deu vontade de sorrir. Por tudo isso.

– Estava legal na Flórida, mas aqui é o nosso lar – falei.

– Ai, meu Deus, não começa – disse Selena.

– Nossa pequena Kayla, campeã da cidade de Winbrooke, Missouri – completou Jen, revirando os olhos.

– Hum, todo mundo sabe que esse título é do seu irmão – retruquei, dando risada e inclinando o queixo na direção de uns carros onde o Jay, irmão gêmeo da Jen, astro do time de futebol americano do nosso colégio, estava observando a namorada tomar cerveja num copo de plástico.

Eu sabia que estava com os olhos enrugados, tão grande era o meu sorriso, e a Jen adorava debochar de mim quando eu fazia essa cara – sempre que eu começava a falar coisas poéticas sobre a nossa cidade. Sobre os longos e úmidos dias de verão, montada na minha égua, Estrela de Caramelo, e os longos e gelados invernos, com o lago Conner congelado, e o gelo brilhando como um torrão de açúcar quando patinávamos. Esse era um lugar onde existiam heróis de verdade vivendo sob o mesmo teto que você. Irmãos famosos e pais que levavam comida para os vizinhos que estavam enfrentando tempos difíceis.

Era o nosso lar.

Olhamos para os meninos dando mortais, pulando da plataforma flutuante ancorada mais para baixo, no meio do rio. As garotas sentadas na beirada das tábuas perceberam que

estávamos olhando e acenaram. Jen ignorou, mas eu acenei de volta. Só para compensar a atitude da Jen, que estava caprichando na pose de menina má. Pôr panos quentes era uma coisa que eu fazia com muita frequência pela minha melhor amiga. Dei um cutucão nela e falei:

– Deixa de ser grossa.

Jen deu risada e deitou a cabeça no meu ombro.

– Eca! A Eve quer que eu fale bem dela para o Jay. Um: não sou a garota de recados dela. Nem dele. Dois: se meu irmão quisesse alguma coisa com ela, tinha ido atrás. Ela não se toca.

Do meu lado, Selena mexia as pernas nuas. Seu cabelo castanho-escuro era tão comprido que, quando ela se inclinava para a frente, batia na coxa.

– Mas é corajosa, levando em consideração que o Jay está namorando a irmã da Bean. Oi? Por acaso isso é coisa que se faça com as amigas?

Me deitei, esmagando a grama primaveril com os ombros e virando a cabeça para minhas amigas. Fiz beicinho.

– Por que você está tão triste? – perguntou Jen.

– Porque, no ano que vem, tudo isso vai acabar.

– Então aproveita enquanto a gente ainda tá aqui – ela falou, se abaixando e se apoiando num dos cotovelos do meu lado, com uma expressão de provocação nos olhos e uma covinha funda na bochecha. – Tem um grilo no seu cabelo – completou, tirando o bichinho com cuidado. O inseto ficou na palma da sua mão por um instante, daí ela levantou a mão, e o bichinho saltou para a liberdade.

– Obrigada – respondi. – O que é que eu vou fazer sem você?

– Que bobagem é essa de “sem você”? A gente está aqui agora, não tá? E vamos ficar mais um ano inteirinho juntas. E depois? Provavelmente vamos nos candidatar às mesmas faculdades, assistir as mesmas aulas, participar das mesmas competições de equitação...

– Namorar os mesmos caras – cortou Selena. – Comer a mesma comida, mijar unicórnios e arco-íris, tudo igualzinho.

Bufei enquanto Jen arrancava um punhado de grama e jogava na Selena. Metade caiu em cima de mim. Tive que cuspir uma folha que tinha ido parar no canto da minha boca.

– Ops, foi mal – disse Jen, tirando a grama da minha cara. – Ei, lembra aquela vez que a gente apostou com o Jay que ele não comeria grama?

Eu lembrava de cada pegadinha que a gente aprontou com o irmão dela. De todas as sessões de *brainstorming* tarde da noite, debaixo de uma cabaninha de cobertor, com lanternas ligadas no queixo para a luz no nosso rosto ficar apavorante. A gente teve várias ideias ótimas: prender a tampa da privada dele com *silver tape* no meio da noite, embrulhar seu carro todinho com papel-alumínio no primeiro dia de aula do ano passado... Quando a Jen e o Jay estão de bem, eles se amam muito. Mas quando estão de mal, são os piores inimigos um do outro. O Caleb e eu brigamos muito, como todos os irmãos, mas não é uma coisa intensa como a que existe entre os gêmeos Brewster. Os dois sempre têm alguma conta para acertar.



– Ai, meu Deus – falei, enrolando uma folha que tinha passado despercebida pela Jen entre o dedão e o indicador. – Isso aconteceu há séculos. Ele levou muito a sério e comeu um montão de grama de uma vez. A gente chegou a contar pra ele que tinha acabado de tirar cocô de cavalo daquela grama?

– Eu nunca contei.

– Ele mereceu mesmo ganhar aqueles dez dólares.

– Vou vomitar – disse Selena, fazendo som de quem está passando mal.

– Será que algum dia a gente vai encontrar alguém pra sacanear desse jeito? – perguntou Jen. – Kaaaaylaaaa, você nunca vai me abandonar, né?

Fiquei olhando para a minha amiga fazendo biquinho e batendo os cílios. Jen falava como se estivesse brincando, mas sempre foi e sempre vai ser minha melhor amiga. Se eu tivesse escolha, ela seria minha irmã. A vida toda fizemos praticamente tudo juntas. Tinha certeza de que não era só eu que sentia um aperto no peito ao pensar em ficar longe por algumas semanas.

– Claro que não – respondi, baixinho. – Você é que vai me abandonar.

A Jen fez tsc, tsc, mas era verdade. Tudo o que eu mais queria era ficar ali. Tudo o que ela mais queria era ir embora para sempre. E eu não mudaria de ideia quando chegasse a hora de mandar as cartas para as faculdades, por mais que a Jen insistisse.

– Madames... – disse Bean, com aquela vozinha de sempre. Às vezes, parecia que ela estava cantando. – A gente ainda tem

um ano inteirinho. Parem com esse baixo-astral. Ainda é cedo para ficar triste.

– É. Podem parar – falou Selena, passando a mão na blusa. Vários caras ficaram olhando. Ela tinha peitos gigantes. – Bean, o que é que a sua irmã está deixando o Jay fazer?

Seguimos o olhar da Selena e vimos o Jay andando na direção do rio com a namorada, Hailey, pendurada no ombro. Seus gritinhos estridentes eram mais altos do que os outros sons. Ela socou as costas do Jay, mas ele deu risada e a atirou no rio, depois pulou atrás. Quando a Hailey reapareceu, estava sem ar, tentando tirar o cabelo do rosto. No início, fez cara feia e mostrou o punho fechado para o namorado, mas aí olhou em volta e se deu conta de que tinha um monte de gente olhando, baixou a mão e soltou uma risada forçada.

Bean enrolou uma mecha de cabelo no dedo, franziu a testa e falou:

– Acho que ela não estava deixando coisa nenhuma.

– Vai ver eles estavam brincando – falei, sem muita convicção. Estava menos preocupada em defender o Jay do que acalmar a Bean.

– Vai ver seu irmão é um cuzão – falou Selena para Jen.

– Estou careca de saber – respondeu Jen. Depois terminou a cerveja e jogou a garrafa para trás, na direção dos carros.

– Garotos como ele podem aprontar qualquer coisa sem nunca serem punidos – falou Selena, encolhendo os ombros.

Mandei um olhar de reprovação para ela. Não por causa da Jen – que não estava nem aí para o fã-clube que o irmão

tinha na cidade –, mas por causa da Bean. Não tocávamos muito nesse assunto, mas todo mundo sabia que o relacionamento do Jay e da Hailey... tinha seus altos e baixos. E, nas últimas semanas, a coisa estava mais intensa. Hailey ia para a faculdade no verão, mas o Jay ainda estava no mesmo ano que a gente. Eu sabia que ele queria ficar com ela, mas a Bean me contou que a Hailey estava a fim de terminar. Esperar o fim do namoro dos dois era como observar uma faísca se aproximando lentamente de uma caixa de dinamite.

– Por mim, garotos como o T.J. Brown podem aprontar o que quiserem – falei, inclinando a cabeça na direção do gatis-simo colega de time do Jay.

– E o que, exatamente, você deixaria o T.J. fazer? – provocou Selena, espremendo os olhos e me dando um sorrisinho malicioso.

– Só coisas bem nojentas – gritou Jen, de repente. Em seguida, fez um som de peido com a boca encostada na minha pele. Me dobrei de tanto rir.

A Selena ficou de pé e passou a mão na bunda para tirar a grama. Os meninos ficaram observando isso também.

– Leva logo o cara pra cama.

– E você iria com a gente – falei. – E a Bean filmaria tudo. Já que ela é a artista.

Bean franziu o nariz, jogou aquele cabelo cor de morango para trás e disse:

– Eu não pinto gente pelada.

– Ainda. Quando você estiver na faculdade, aposto que isso

vai mudar. Desculpa, senhoritas, mas vocês não fazem meu tipo – brincou Selena.

Ela inclinou a cabeça para o lado e ficou observando as pessoas que estavam dentro do rio. Tinha um cara muito parecido comigo, de cabelo loiro e sujo e queixo quadrado. Estava na plataforma flutuante, vaiando alguém. Tirou a camiseta, flexionou os bíceps e deu um beijo em cada um.

– Já o irmão da Kayla...

Tapei meus olhos com a mão bem na hora que meu irmão mergulhou. O barulho da água abafou a risada das meninas que estavam à sua volta.

– Eca, eca, eca. Nem começa, por favor.

– O Caleb está enlouquecido hoje – falou a Jen.

– Nada além do normal – respondi, encolhendo os ombros.

A Jen puxou um ramo de flores do mato pela raiz e juntou as duas pontas com um nó. Depois, equilibrou a coroa na minha cabeça.

– Pode até ser. Mas acho que ele está bem acelerado.

– O Caleb é acelerado – retruquei, colocando a coroa levemente de lado. – Nos últimos tempos, ele não para de falar desses grandes planos de terminar o colégio e sair de casa. Quase não veio na festa porque disse que tinha “coisas mais importantes pra fazer”.

– Pelo jeito, esqueceu de tudo – debochou Bean. – Mas, sei lá... Meio que consigo entender como ele se sente, sabe? Com todas essas coisas novas que ele vai fazer. Todo um mundo novo para descobrir. É excitante. A Hailey, por outro lado,

nem fala em sair de casa. Acho que é por causa do Jay. Porque os dois ainda não resolveram se vão ou não namorar a distância e tudo o mais.

– É melhor se resolverem antes da minha festa porque eu não vou ficar aguentando drama – falou Jen, fazendo careta. Então fez mais três coroas de flores, colocou uma na cabeça da Bean, outra na da Selena e, por fim, uma em si mesma. – O último dia de aula merece, no mínimo, uma comemoração de proporções épicas.

– E vai ser épico – prometi. – Meninas de colar de flor, caras de saia de palha, dança da cordinha, drinques com aquelas sombrinhas fofas de papel. . .

– Adoro essas sombrinhas – falou a Bean. – E a cabine de fotos tá quase pronta. Só preciso pôr o glitter e recortar os enfeites.

– Vai fazer fila na porta, Bean. Tá ficando tão incrível. Mal posso esperar. Todo mundo vai e todo mundo vai falar que eu sou muito *sensacional*.

Dei risada, e a Jen fez pose, levantando o queixo e balançando a mão.

– Menos a Eve – comentou Selena. – Que, oficialmente, não vai ser convidada.

– Ah, não seja má, Selena – falou Bean, dando um abraço em nós três. Uma pétala de flor amarela desceu pelo seu rosto. Ela a soprou com um sorriso de canto e encostou a testa na da Selena.

Senti uma coisa estranha. Que não tinha nada a ver com o clima daquela noite. Uma coisa parecida com tristeza. Olhei

de novo para o meu irmão, que jogou água nas meninas da plataforma e depois nadou até a beirada, saindo do rio e sacudindo a cabeça para secar o cabelo. Maio estava chegando rápido. Sim, estaríamos juntas por mais um ano. Mas eu podia sentir uma mudança no ar. Sutil como um fio de lã solto, que eu sabia que ia aumentar, assim como quando a gente o puxa e a blusa inteira se desmancha. Eu queria ignorar isso o máximo possível.

Ela amava a minha cidade. Minha vida. Meus amigos. Os gatinhos de uniforme esportivo. As competições de cavalos. As caminhadas até o pico Fellows, onde a vista das colinas e dos vales do estado do Missouri se espalhava por quilômetros e mais quilômetros. As festas à beira do rio. Assistir a Selena sacudindo aquela saíxa curta de líder de torcida para o povo lotando os jogos do nosso time campeão de futebol americano. Conhecer todo mundo. Ser conhecida.

Uma hora, tudo isso iria acabar.

Cruzei o olhar com o da Bean, sentada do outro lado da rodinha. Ela sorriu de novo. Dessa vez, com doçura, como se adivinhasse o que eu estava pensando.

– Não se preocupa, Jen. Sua festa vai ter *sensa-luau* – falou Bean. Rosnamos para ela, que continuou: – *Hulariamente incrível?* Com certeza nada *aloha-rosa*?

– Graças a Deus você sabe pintar, Bean – falei, quando nos soltamos do abraço.

Bean mostrou a língua para mim e ficou de pé. Peguei uma mecha do cabelo comprido da Jen e comecei a fazer uma

trança bem fininha. Selena pegou outra bebida e foi andando até a beira do rio, sem parar de observar as bobagens que o Caleb estava fazendo. Bean foi com ela, dando um tapinha no seu quadril para chamar a sua atenção, e começou a dançar. Selena levantou os braços e se mexeu no ritmo da batida que vinha dos amplificadores atrás de nós. Eu fiquei balançando os ombros e fazendo a trança na Jen. As estrelas brilhavam no céu.

Eu poderia continuar triste. Pensando no dia que não teria mais a Jen do meu lado, caminhando toda confiante pelos corredores do colégio. Quando não teria mais ninguém para fofocar durante as longas trilhas a cavalo. Quando nós quatro nos encontraríamos assim, na beira do rio, numa noite de fim de semana e preguiça, mais nas nossas lembranças do que de verdade.

Como sempre fazia quando esse tipo de pensamento vinha à tona, mandei-os de volta lá para o fundo da minha mente. Porque o agora, esse exato momento, era simplesmente perfeito.